
Quinta da Queimada (Lagos): a necrópole da II Idade do Ferro

DAVID CALADO*

MÁRIO VARELA GOMES**

R E S U M O

Trata-se da primeira necrópole da II Idade do Ferro identificada no Algarve, conhecida graças ao achado ocasional dos restos de duas sepulturas, uma de incineração e outra de inumação, ambas em fossa e desprovidas de qualquer estrutura pétrea. Aquela primeira continha, entre outro espólio desaparecido, uma conta de ouro, 23 contas cilíndricas de riolite, 11 cossiros, parte de duas páteras áticas, de “verniz negro”, fragmento de pequeno vaso, de “verniz vermelho”, restos de faca, afalcadata, de ferro e fragmentos de ossos humanos, de adulto jovem, do sexo feminino. As cerâmicas gregas, pertencentes à forma 22 de N. Lamboglia, são datáveis em 375-350 a.C., cronologia correspondente à tipologia do restante espólio, pelo que a incineração terá ocorrido ainda no segundo quartel ou em meados do século IV a.C. O ritual observado, com a deposição de oferendas sobre as cinzas resultantes da cremação do cadáver e a fractura de pátera ática *in situ*, encontra paralelos em necrópoles, com a mesma cronologia, da Andaluzia Oriental (Baza, El Cigarralejo, Coimbra del Barranco Ancho, Albacete, Cabezo Lucero), mas também em Alcácer do Sal. A sepultura de inumação entregou apenas espólio osteológico humano e foi datada, através do método do ^{14}C , nos séculos IV-III a.C., podendo ser contemporânea ou algo ulterior à de incineração. Acreditamos que a necrópole agora dada a conhecer pertencesse a exploração agrícola, integrada em rede polarizada por centro, político e administrativo, talvez sediado no *oppidum* que deu origem à cidade de Lacobriga, situado no Monte Molião e a cerca de 2,5 km, para sudoeste, da Quinta da Queimada.

A B S T R A C T

This is the first Late Iron Age necropolis to be identified in the Algarve, known thanks to an occasional finding of the remains of two graves, one of incineration and the other one of inhumation, both in ditch and without any stony structure. The first grave had, among other missing goods, a gold bead, twenty three riolite cylindrical beads, eleven ceramic spindle weights, part of two Attic bowls, a small vasesherd, of “red slip ware”, fragments of an iron knife and fragments of human bones, of a young female adult. The Greek ceramics, belonging to the form 22 of N. Lamboglia, are datable in 375-350 BC, chronology corresponding to the typology of the remaining goods, in view of which the incineration maybe had occurred in the second quarter or in the middle of the 4th century BC. The observed ritual, with the deposition of the gifts over the ashes resulting from the cremation of the body and the fracture of the Attic bowl *in situ*, has parallels in necropolis, with the same chronology, of the Eastern Andalusia (Baza, El Cigarralejo, Coimbra del Barranco Ancho, Albacete, Cabezo

Lucero), but also in Alcácer do Sal. The inhumation grave showed only human osteological remains and was dated, through the ^{14}C method, in the 4th-3rd centuries BC, maybe being contemporary or a little further to the incineration grave. We believe that this necropolis belonged to an agricultural exploration, integrated in a polarised net, through political and administrative center, perhaps located in the *oppidum* that originated the city of Lacobriga, situated in the Molião Hill, 2,5 km Southwest of the Quinta da Queimada.

1. A descoberta

Projecto de investigação arqueológica dedicado ao estudo da transição entre as economias de apropriação e de produção no Barlavento Algarvio, desenvolvido pelo primeiro dos signatários, conduziu à identificação e, ulteriormente, à escavação do arqueossítio em epígrafe (Calado, 2000).

Durante a primeira campanha de trabalhos, no local referido, ocorrida em 2001, o seu responsável reconheceu corte no terreno, resultante do alargamento de caminho, onde deparou com bolsa contendo areias queimadas, cinzas, restos de ossos calcinados, bem como outro espólio arqueológico, proto-histórico, tal como com os restos de sepultura de inumação.

A ameaça de desaparecimento daqueles testemunhos, a curto prazo, conduziu a que procedesse à escavação e registo dos mesmos, tal como à abertura de sondagens.

Este arqueossítio foi referido, em trabalhos de síntese, tanto por David Calado (2000, p. 55), como por Pedro Barros (2003), que deu a conhecer cerâmicas áticas procedentes de uma das estruturas mencionadas, embora tenha inflacionado o seu número, dado considerar quatro exemplares quando, na verdade, se trata apenas de dois.

2. Localização

A Quinta da Queimada situa-se no vasto planalto que constitui interflúvio, limitado a nascente pela ribeira de Odiáxere, a poente pela ribeira de Bensafrim e a sul pelo Oceano Atlântico.

O local, com 28 m de altitude, encontra-se a 2 km da actual linha de costa, em terrenos de areias plio-pleistocénicas, assentes em arenitos e calcarenitos, sendo drenado por pequenas linhas de água, a norte e poente, pertencentes à bacia hidrográfica da ribeira de Odiáxere e, a nascente e sul, integradas na rede de afluentes da margem esquerda da ribeira de Bensafrim (Fig. 1).

A jazida ocupa os terrenos da freguesia de Odiáxere, pertencente ao concelho de Lagos e ao distrito de Faro. As suas coordenadas geodésicas Gauss, aproximadas, são: W 535 187 (segundo a *Carta Militar de Portugal*, Portimão, n.º 603, esc. 1:25 000, SCEP, 1978).

Tem-se acesso à Quinta da Queimada, através da E. N. 125, saindo daquela ao km 29, em direcção à povoação da Torre, seguindo, depois, para sudeste.

A sepultura de incineração (sep. 1) jazia no corte patente no lado sul do cruzamento existente junto às casas da Quinta da Queimada, enquanto a segunda sepultura foi identificada, também em corte, no talude poente do caminho de acesso às edificações mencionadas e a cerca de 20 m da primeira (Fig. 2).



Fig. 1 Localização da Quinta da Queimada (seg. a *CM. P.*, Portimão, n.º 603, 1978).



Fig. 2 Quinta da Queimada. Sepulturas proto-históricas (S) e menires neolíticos (M).

3. Estratigrafia

A observação de corte, com cerca de 1,50 m de altura, onde se encontrava uma das sepulturas (Figs. 3, 4), permitiu a seguinte leitura estratigráfica:

Camada 1 – Constituída por terras superficiais, activas, pouco coesas, mostrando forte matriz arenosa e de cor cinzenta acastanhada, com tom escuro (10YR 5/1)¹, contendo materiais de várias épocas. Media cerca de 0,30 m de espessura média;

Camada 2 – Formada por terras, mais compactas que as da camada anterior, muito arenosas, com cor cinzenta acastanhada (10YR 7/2), embalando sobretudo materiais pré-históricos (líticos e cerâmicas). Apresentava 0,20 m de potência média;

Camada 3 – Corresponde a manto de areias plio-pleistocénicas, de cor bege (10YR 7/3), compactadas e estéreis, em termos de espólio arqueológico. Atingia 0,60 m de altura;

Camada 4 – Identifica depósito de areias plio-pleistocénicas compactas, de cor branca (10YR 8/1), estéreis em testemunhos arqueológicos. Mostrava 0,15 m de espessura média, desaparecendo no lado poente;

Camada 5 – Substrato rochoso, formado por arenitos e calcarenitos.

4. Estruturas e espólio

Conforme anteriormente mencionámos, identificaram-se, apenas, restos de duas estruturas escavadas no solo, correspondendo a duas sepulturas, cujas características e respectivos espólios passaremos a descrever.



Fig. 3 Quinta da Queimada. Sepultura 1 (foto D. Calado, 2001).

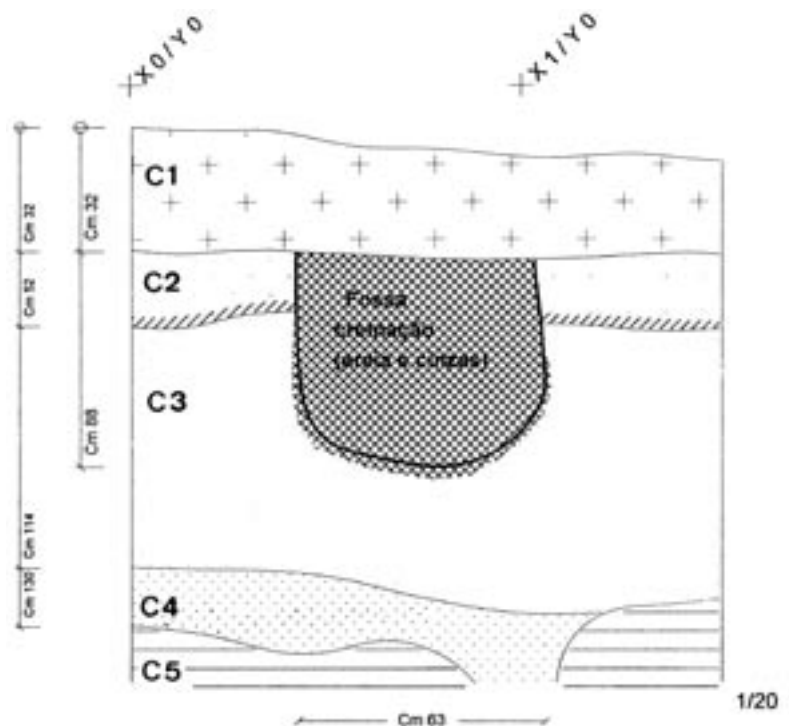


Fig. 4 Quinta da Queimada. Corte com identificação dos restos da sepultura 1 (lev. D. Calado).

4.1. Sepultura 1

4.1.1. Arquitectura

Trata-se dos restos de sepultura, em fossa, contendo fragmentos osteológicos humanos cremados, acompanhados por diverso espólio (Fig. 4).

Aberta nas camadas 2 e 3, a boca da sepultura foi afectada por trabalhos agrícolas, tendo a maior parte do seu volume sido amputado pelo alargamento de caminho. É possível que fosse coberta por pequeno *tumulus*, de pedras e terra.

A fossa oferecia forma subcilíndrica, dado que alargava ligeiramente no fundo, sendo este côncavo. Media, na altura em que foi registada, 0,58 m de diâmetro na boca, 0,63 m de diâmetro máximo e 0,56 m de profundidade.

4.1.2. Espólio

4.1.2.1. Metálico

- Conta (QQ 531). Fabricada em ouro, é constituída por corpo central tubular, ao qual se soldaram pequenos segmentos semicirculares, formando dois elementos com forma esférica achatada. Mede 0,007 m de comprimento e 0,006 m de diâmetro máximo. Pesa 2 g (Fig. 5-A).
- Faca afalcatada (QQ 532). Dois fragmentos da lâmina, de ferro. Mostrava lâmina muito fina, com característica curvatura, possuindo apenas um gume. Media, pelo menos, 0,100 m de comprimento, 0,022 m de largura média e 0,002 m de espessura máxima (Fig. 5-C).

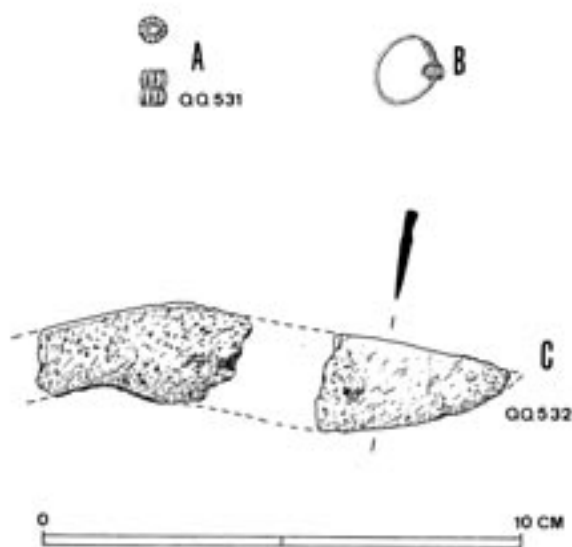


Fig. 5 Quinta da Queimada. Sepultura 1. Conta de ouro (A) e faca afalcatada, de ferro (C) (des. J. Gonçalves). Nazime ou brinco, de ouro, de Ibiza (B) (seg. M. J. Almagro Gorbea, 1986, p. 186, fig. 217).

4.1.2.2. Lítico

Foram recolhidas 23 contas, com forma cilíndrica e possuindo perfuração central, afeioadas em riolite, de cor branca, por vezes com manchas de cor cinzenta e, mais raramente, de cor vermelha (Fig. 6). As principais características de cada exemplar encontram-se no quadro a seguir apresentado.

Considerámos duas formas de contas deste tipo, as discóides, quando o seu comprimento é menor que o diâmetro e as tubulares, quando aquele é igual ou maior que o diâmetro.

Predominam as contas discóides, tendo-se contado 17 exemplares, enquanto as contas tubulares somam, apenas, seis.

Estas contas constituiriam colar, sendo provável que os elementos maiores se situassem ao centro, decrescendo as suas dimensões em direcção às extremidades do enfiamento.

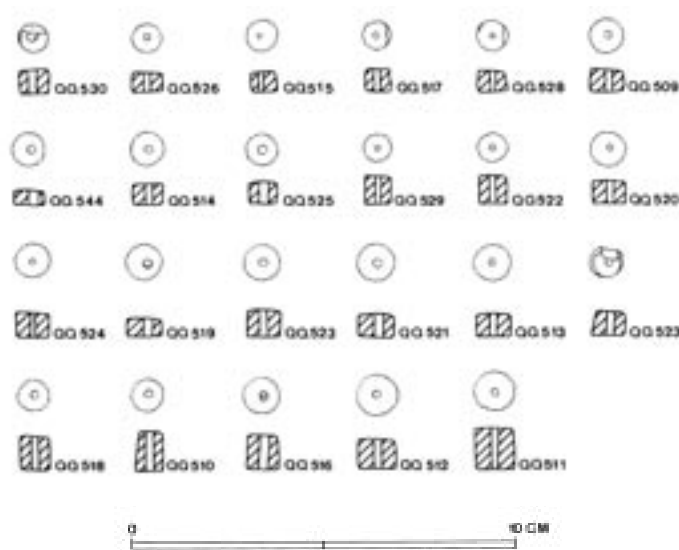


Fig. 6 Quinta da Queimada. Sepultura 1. Contas de riolite (des. J. Gonçalves).

Quadro I. Contas afeioadas em riolite (as medidas encontram-se em mm).

| Ref. | Forma | Comp. | Ø | Cor | Conservação |
|--------|----------|-------|----|--------|-------------|
| QQ 509 | Discóide | 5 | 8 | Verm. | Completa |
| QQ 510 | Tubular | 10 | 8 | Cinz. | Completa |
| QQ 511 | Tubular | 9 | 9 | Cinz. | Completa |
| QQ 512 | Discóide | 7 | 10 | Cinz. | Completa |
| QQ 513 | Discóide | 5 | 9 | Cinz. | Completa |
| QQ 514 | Discóide | 5 | 9 | Cinz. | Completa |
| QQ 515 | Discóide | 5 | 8 | Cinz. | Completa |
| QQ 516 | Tubular | 9 | 9 | Cinz. | Completa |
| QQ 517 | Discóide | 5 | 7 | Cinz. | Fracturada |
| QQ 518 | Tubular | 9 | 8 | Cinz. | Completa |
| QQ 519 | Discóide | 5 | 9 | Branca | Completa |
| QQ 520 | Discóide | 5 | 8 | Cinz. | Completa |
| QQ 521 | Discóide | 5 | 9 | Branca | Completa |
| QQ 522 | Tubular | 7 | 7 | Cinz. | Completa |
| QQ 523 | Discóide | 7 | 9 | Cinz. | Completa |
| QQ 524 | Discóide | 6 | 8 | Cinz. | Completa |
| QQ 525 | Discóide | 6 | 8 | Cinz. | Completa |
| QQ 526 | Discóide | 5 | 7 | Cinz. | Completa |
| QQ 527 | Discóide | 6 | 8 | Branca | Fracturada |
| QQ 528 | Discóide | 5 | 8 | Cinz. | Fracturada |
| QQ 529 | Tubular | 7 | 6 | Cinz. | Completa |
| QQ 530 | Discóide | 5 | 7 | Cinz. | Fracturada |
| QQ 544 | Discóide | 4 | 8 | Cinz. | Completa |

4.1.2.3. Cerâmica comum

Exumaram-se onze cossoiros ou fusaiolas, que a seguir se descrevem (Fig. 7).

- Cossoiro (QQ 533). Oferece forma bitroncocónica e foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. As superfícies mostram cor castanha (5YR 5/6). Mede 0,014 m de altura, 0,022 m de diâmetro máximo e a perfuração central apresenta 0,003 m de diâmetro.
- Cossoiro (QQ 535). Mostra forma bitroncocónica e foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. As superfícies são de cor castanha (5YR 5/8), com manchas de cor cinzenta, devidas a intensa exposição ao fogo. Mede 0,015 m de altura, 0,024 m de diâmetro máximo e a perfuração central oferece 0,003 m de diâmetro.
- Cossoiro (QQ 534). Apresenta forma troncocónica e foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. As superfícies são de cor castanha (5YR 5/4), com manchas cinzentas, devidas à exposição ao fogo. Mede 0,014 m de altura, 0,022 m de diâmetro máximo e a perfuração central oferece 0,004 m de diâmetro.
- Cossoiro (QQ 540). Possui forma troncocónica e foi produzido com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. As superfícies são de cor castanha (5YR 5/4), mostrando manchas cinzentas, devidas à exposição ao fogo. Mede 0,017 m de altura, 0,025 m de diâmetro máximo e a perfuração central oferece 0,004 m de diâmetro.
- Cossoiro (QQ 539). Mostra forma bitroncocónica e foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio. As superfícies oferecem cor castanha clara (5YR 6/4). Mede 0,023 m de altura, 0,025 m de diâmetro máximo e a perfuração central atinge 0,004 m de diâmetro.

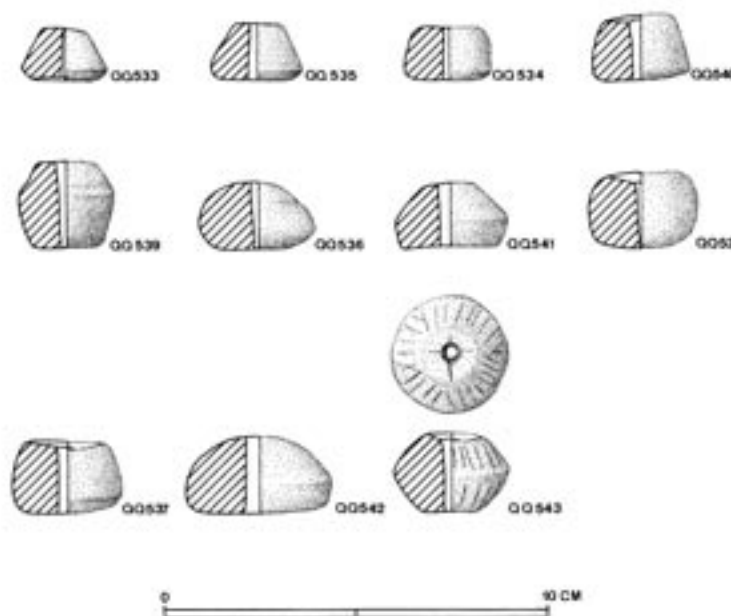


Fig. 7 Quinta da Queimada. Sepultura 1. Cossoiros (des. J. Gonçalves).

- Cossoiro (QQ 536). Mostra forma esférica, muito achatada, e foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio. As superfícies oferecem cor castanha (5YR 5/4). Mede 0,018 m de altura, 0,030 m de diâmetro máximo e a perfuração central tem 0,005 m de diâmetro.
- Cossoiro (QQ 541). Apresenta forma bitroncocónica e foi produzido com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. As superfícies são de cor castanha (5YR 5/4). Mede 0,017 m de altura, 0,029 m de diâmetro máximo e a perfuração central tem 0,005 m de diâmetro.
- Cossoiro (QQ 538). Mostra forma subcilíndrica, com a face superior côncava, tendo sido fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos (biotite), de grão fino. As superfícies apresentam cor castanha clara (5YR 6/6). Mede 0,020 m de altura, 0,028 m de diâmetro máximo e a perfuração central tem 0,005 m de diâmetro.
- Cossoiro (QQ 537). Apresenta forma bitroncocónica e foi produzido com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. As superfícies mostram cor castanha clara (5YR 5/6). Mede 0,019 m de altura, 0,029 m de diâmetro máximo e a perfuração central atinge 0,005 m de diâmetro.
- Cossoiro (QQ 542). Oferece forma bitroncocónica, tendo sido fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. As superfícies mostram cor castanha clara (5YR 5/6). Mede 0,020 m de altura, 0,038 m de diâmetro máximo e a perfuração central tem 0,006 m de diâmetro.
- Cossoiro (QQ 543). Apresenta forma bitroncocónica, tendo sido produzido com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino. As superfícies oferecem cor castanha clara (5YR 4/6). As superfícies laterais foram decoradas com pequenas incisões dispostas radialmente e um dos topos mostra duas incisões perpendiculares. Mede 0,018 m de altura, 0,031 m de diâmetro máximo e a perfuração central tem 0,006 m de diâmetro.

4.1.2.4. Cerâmica de “verniz vermelho”

- Vaso bitroncocónico (?) (QQ 545). Fragmento correspondendo a pequena porção do bordo. Este era extrovertido e possuía lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea, mas não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo oferece cor castanha (5YR 5/3) e as superfícies foram revestidas por “verniz vermelho” ou engobe vermelho, de tom acastanhado (5YR 4/6) e de aspecto acetinado, mas mal conservado. Medida 0,060 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 8-A).

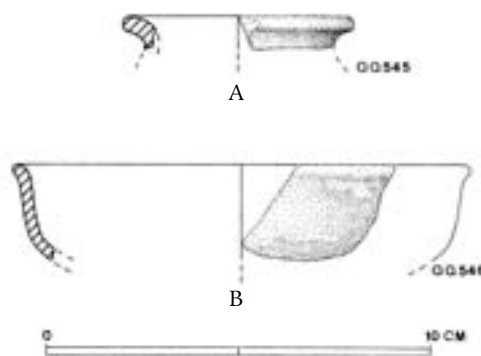


Fig. 8 Quinta da Queimada. Sepultura 1. Fragmento de vaso bitroncocónico (?), de “verniz vermelho” (A), e fragmento de pátera, de “verniz negro” (B) (des. J. Gonçalves).

4.1.2.5. Cerâmica de “verniz negro”

- Pátera (QQ 546). Fragmento correspondendo a porção do bordo e do corpo. O bordo é extrovertido, com lábio afilado, mas de secção semicircular. Pertence à forma 22 de N. Lamboglia. Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos,

- quase imperceptíveis. O núcleo mostra cor rosada (2.5YR 6/6) e ambas superfícies foram revestidas por verniz de cor negra, bem fixado e brilhante, de aspecto metalizado. Media 0,120 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,003 m (Fig. 8-B).
- Pátera (QQ 547). Conjunto de fragmentos, correspondendo a porção do bordo, do corpo e do pé. O corpo possuía forma bitroncocónica e assentava em pé, alto e anelar. O bordo era extrovertido e mostrava lábio de secção semicircular. O pé, ligeiramente oblíquo, tinha canelura central no frete. Observa-se outra canelura na ligação do pé com o corpo. Trata-se da forma 22 de N. Lamboglia. Foi fabricada com pasta muito homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quase imperceptíveis. O núcleo apresenta cor bege (7.5YR 7/4) e ambas superfícies foram revestidas por verniz de cor negra, muito deteriorado devido à acção do fogo a que foi sujeito. No interior do fundo observam-se restos de cartela circular incisa e três séries de impressões, constituídas por pequenos traços radiais (*guilboché*), realizadas com rolete. Media 0,190 m de diâmetro no bordo, 0,110 m de diâmetro no pé, 0,062 m de altura e a espessura média das paredes é de 0,004 m (Fig. 9).

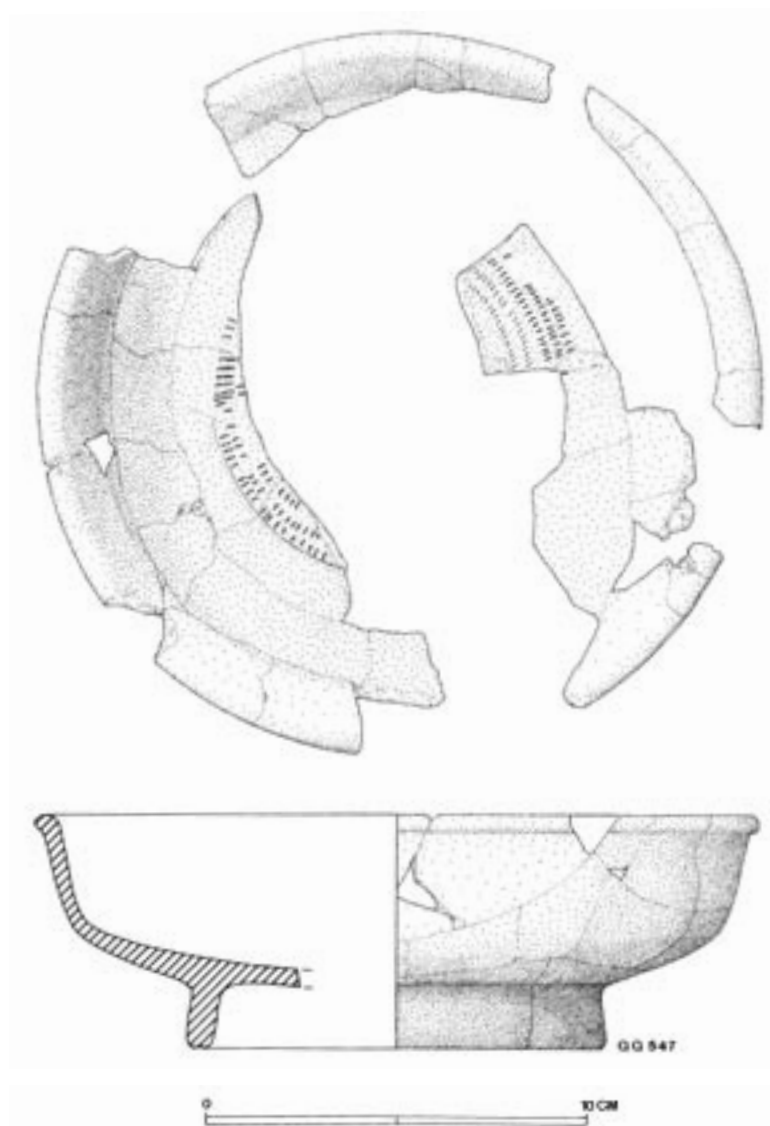


Fig. 9 Quinta da Queimada. Sepultura 1. Pátera de “verniz negro” (des. J. Gonçalves).



Fig. 10 Quinta da Queimada. Sepultura 1. Contas de riolite e conta de ouro (foto D. Calado, 2001) (ampl. x 4,5).

4.1.2.6. Osteológico

Contaram-se 25 fragmentos de ossos humanos, 18 dos quais pertencentes a crânio. Junta-se relatório da análise deste espólio, efectuado por F. Curate, a quem nos cumpre agradecer.

4.2. Sepultura 2

4.2.1. Arquitectura

Trata-se dos testemunhos de inumação, realizada em fossa, aberta nas camadas 2 e 3. Dado o elevado estado de destruição desta estrutura, desconhecemos outros aspectos do ritual funerário.

4.2.2. Espólio

Recolheram-se alguns restos osteológicos humanos.

Foram realizadas duas datações, pelo método do radiocarbono, para amostra constituída pelo espólio referido.

Apesar das dificuldades no seu processamento, derivadas do facto dos ossos se encontrarem quase desprovidos de colagéneo e da sua própria escassez (26 g), obtiveram-se os resultados patentes no Quadro II e na Fig. 11.

| Quadro II. Datações por radiocarbono para restos osteológicos da sepultura 2 da necrópole da Quinta da Queimada. | | | | | |
|--|-----------------|---------------|--------------------|-----------------|------------------------------|
| Ref. do Laboratório | Ref. da amostra | Tipo | $\delta^{13}C$ (‰) | Idade (anos BP) | Data calibrada (2σ) |
| Tua-2399 | QQ- Sep. 2 | Ossos humanos | ? | 2310±100 | 762-119 AC |
| Gr-s/ n° | QQ- Sep. 2 | Ossos humanos | ? | 2235±35 | 390-200 AC |

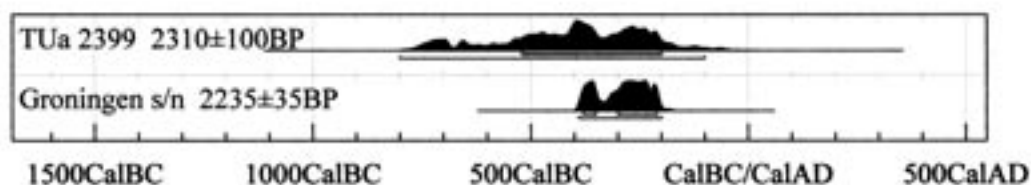


Fig. 11 Quinta da Queimada. Datações calibradas para o espólio da sepultura 2.

5. Comentário

Os testemunhos das duas sepulturas, agora dadas a conhecer, fizeram parte de necrópole, possivelmente não muito extensa, mas que só a escavação da área em extensão, da zona em que se encontram, permitirá melhor avaliar, em termos dimensionais e sócio-culturais.

Importa registar a informação, prestada a um de nós (M. V. G.), por quem trabalhou aqueles campos, respeitante ao aparecimento, há mais de trinta anos, de manchas de terras com cinzas e objectos diversos, tal como relevar, no mesmo contexto, o microtopónimo Quinta da Queimada, com que aquele local é denominado, talvez aludindo à presença de restos de incinerações ou de *ustrina*, áreas pavimentadas, cobertas por amontoado de cinzas e onde eram cremados os cadáveres. Todavia, julgamos interessante recordar que apenas uma das sepulturas agora estudadas corresponde a fossa, contendo restos incinerados de cadáver, e que a segunda sepultura, também em fossa, guardava inumação.

Encontramo-nos, pois, perante necrópole onde contemporaneamente, a julgar pelas cronologias obtidas para ambas sepulturas, se praticava aqueles dois rituais funerários. Já em texto anterior referimos o facto de na fase terminal da II Idade do Ferro surgirem inumações, talvez devido a influências culturais itálicas, embora nas necrópoles romanas se continuasse a preferir a prática da cremação (Silva e Gomes, 1992, p. 175).

A cronologia das ritualizações cujos espólios descrevemos, baseia-se, para a sepultura de incineração, no espólio que guardava e, para a sepultura de inumação, dada a falta de elementos pertencente à cultura material, nas duas datações, obtidas pelo método do radiocarbono, anteriormente mencionadas.

Naquela primeira estrutura, cossoiros e faca afalcatada podem auferir de cronologia sidérica, tanto da I como da II Idade do Ferro, conforme as semelhanças com artefactos idênticos, obtidos na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, ou em necrópoles e povoados do Baixo Alentejo.

As contas de riolite encontram raro paralelo no espólio procedente de urna cinerária de cerâmica da necrópole do Cerro do Ouro (Ourique), onde conta com forma bitroncocónica, de pedra com cor branca (talvez riolite), acompanhava duas dezenas de contas de pasta vítrea (Beirão e Gomes, 1980, p. 255).

A pequena conta de ouro mostra elemento estruturante de forma tubular, aspecto muito comum na ourivesaria do Período Orientalizante, possivelmente divulgado pelo comércio fenício, e depois púnico, mas igualmente utilizado nas produções pré-romanas peninsulares. Ilustram aquelas peças mais recuadas os pendentives em forma de crescente lunar ou de disco solar, soldados a elementos tubulares, surgidos em Cádiz, La Aliseda (Cáceres) ou Ibiza, e datados do século VII a.C., com bons paralelos em Tharros ou em Cartago (Almagro Gorbea, 1986, ests. XLII, XLIII, LXI, LXXXI). Os mesmos elementos surgem nas contas do tesouro de Baião, datado no século VII a.C. (Silva e Gomes, 1992, p. 235, fig. 26).

A decoração de aspecto galonado da conta da Quinta da Queimada não é comum na ourivesaria sidérica da Península Ibérica. No entanto, aquela técnica decorativa, de bonito efeito plástico e que substituiu com elegância as contas de ouro com incisões longitudinais, com origem remota no Mediterrâneo Oriental, como muitas maciças das que constituem colares exumados por H. Schliemann em Tróia (Hisarlik), pertencentes ao III milénio a.C. (Antonova, Tolstikov e Treister, 1996, p. 80-91, 93) ou as ocas, traficadas por fenícios e cartagineses (Quillard, 1979), pode observar-se na arrecada, possivelmente de Paços de Ferreira, que conserva o Museu Nacional de Arqueologia, atribuída aos séculos V-IV a.C. (Nicolini, 1990, est. 59).

Na extremidade daquela jóia, que podemos considerar uma espécie de reportório das técnicas da joalheria proto-histórica, dado ali terem sido aplicados repuxados ou estampilhados, granulados

e filigrana, observam-se sete elementos com diâmetros crescentes constituídos por espirais de fio, mostrando solução afim da usada na conta de ouro da Quinta da Queimada. Também o par de arrecadas da Citânia de Briteiros, classificado no século II a.C., oferece, na extremidade, duas faixas com decoração daquele tipo (Perez Outeiriño, 1982, ests. VIII e XXVIII), o mesmo acontecendo com arrecadas de Arrabalde I (Zamora), contemporâneas daquelas, atribuídas à joalheria celtibérica, embora não isentas de influências meridionais (Delibes de Castro, 1991, p. 20).

Todavia, os paralelos mais próximos para a jóia que temos vindo a referir, encontram-se nas extremidades de argola para cabelo de Regodeigón (Ribadavia, Orense) (Fernández Gómez, 1991, p. 25), e em brinco ou nazime de Ibiza, provido de aro em ouro e conta do mesmo metal, com estrutura tubular, decorada por pequenas lâminas dispostas longitudinalmente (Fig. 5-B). M. J. Almagro Gorbea (1986, p. 186, fig. 217) interpreta aquela jóia como “*em forma de cálice de flor, com as sépalas separadas*”, situando-a no século IV a.C., cronologia que condiz com a atribuída à necrópole da Quinta da Queimada.

Os dois restos de páteras, e não quatro como publicou P. Barros (2003), mostram as superfícies revestidas por verniz de cor negra, têm origem ática e integram as formas da loiça de mesa, mais precisamente os considerados vasos para beber. Tanto os seus atributos formais, como a decoração, permitem atribuir-lhes cronologia segura, no segundo quartel do século IV a.C. (Lamboglia, 1952; 1954, p. 120-122; Sparkes e Talcott, 1970).

Aqueles recipientes foram usados em outros contextos funerários coevos da necrópole da Quinta da Queimada, na Andaluzia, como na necrópole de El Cigarralejo (Mula, Múrcia) (Cuadrado Díaz, 1987), onde se exumaram duas dezenas de exemplares e onde 16% das sepulturas guardavam recipientes gregos, ou no cemitério de Cabezo Lucero (Guardamar del Segura, Alicante), onde 41 (65%) dos 63 túmulos explorados continham vasos gregos, dos séculos V e IV a.C. As taças para beber totalizaram, na última necrópole mencionada, 63% das cerâmicas gregas (Aranegui, Jodin, Llobregat, Rouillard e Uroz, 1993, p. 49, 50).

Naquela primeira necrópole, a sepultura 127 entregou duas páteras da forma 22 de N. Lamboglia, uma medindo apenas 0,116 m de diâmetro e a outra com 0,256 m de diâmetro (Cuadrado, 1987, p. 271), tal como parece ter acontecido na sepultura 1 da Quinta da Queimada, que ofereceu fragmentos de dois de tais recipientes, com dimensões muito distintas. No mesmo cemitério andaluz detectaram-se diversas sepulturas guardando cossoiros e, por vezes, armas, indicando poderem corresponder a enterramentos masculinos. Também na necrópole de Baza (Granada), sete sepulturas, entre 178, continham páteras áticas, da forma 22 de N. Lamboglia. A sepultura 108 guardava dois desses recipientes, que acompanhavam urna bitroncocónica, e na sepultura 176 contaram-se 6. No total reconheceram-se, entre exemplares completos ou apenas fragmentos, 14 páteras da forma 22, datadas na primeira metade do século IV, recolhendo-se, em zonas remexidas por trabalhos agrícolas, mais 4 ou 5 fragmentos (Presedo, 1982, p. 270, 271).

Não longe da Quinta da Queimada, a feitoria fenício-púnica da Rocha Branca, que haveria de dar origem a *oppidum* e à cidade de Cilpes, situada em antiga península, debruçada sobre o rio Arade e junto à actual Silves, revelou, na ocupação atribuída aos séculos IV-III a.C., fragmentos de páteras de “verniz negro”, da forma 22 de N. Lamboglia, onde acompanhavam fragmentos de outras produções áticas, como páteras da forma 21 de N. Lamboglia e da forma 876 do Ágora de Atenas (ca. 380 a.C.), de *kylix-skyphos* ou bolsal (375-350 a.C.) e de *kylikes*, com figuras vermelhas, atribuídos ao grupo do Pintor de Viena 116 (375-350 a.C.) (Gomes, Gomes e Beirão, 1986, p. 76; Gomes, 1993).

Pierre Rouillard (1991, p. 123, 126) considerou o século IV a.C. como o período onde ocorreu “... uma verdadeira “explosão” das importações gregas na Península Ibérica.” De facto, cerca de duas centenas e meia de arqueossítios, povoados, necrópoles e santuários, ofereceram cerâmicas áticas daquele período, predominando a loiça de mesa.

Tais produções, maciçamente importadas, atingiram o interior da Península ou zonas setentrionais como o Minho, tendo o declínio dessa corrente comercial acontecido a partir de 350 a.C. Elas responderam, sobretudo, à necessidade de representar e de afirmar o poder das formações sociais liderantes, com capacidade aquisitiva e apetência por produtos exógenos e dispendiosos, capazes de lhes conferirem prestígio.

6. Conclusões

Verifica-se que, na necrópole da Quinta da Queimada, se praticaram, durante os séculos IV-III a.C., dois tipos de rituais funerários, escatologicamente muito distintos, a incineração e a inumação.

Os testemunhos pertencentes àquele primeiro, quiçá o mais antigo e mais comum, acreditando-se que libertava e purificava as almas, correspondem a adulta jovem. A cremação deve ter ocorrido em área própria, inumando-se os restos, cinzas e fragmentos ósseos, na fossa cinerária, cujos testemunhos chegaram até nós.

A estrutura negativa referida e cujas paredes não apresentavam sinais de rubefacção, parece não ter sido assinalada por qualquer elemento, monólito, empedrado ou *tumulus*.

As contas, tal como os cossoiros e a pequena faca afalcatada, também não evidenciam acção do fogo, pelo que, tratando-se de objectos pessoais da defunta ou de oferendas funerárias, foram depositados sobre as cinzas quando estas já se encontravam na fossa funerária. Algumas contas de riolite oferecem pequenas alterações, cromáticas e de textura, que podem traduzir o contacto com as cinzas ainda quentes.

Também o fragmento de vaso de “verniz vermelho”, possível unguentário, e o de pátera de “verniz negro”, não apresentam sinais de fogo. Todavia, estes surgem na pátera, de que se conserva grande parte, ao que parece partida sobre as cinzas.

Aquele recipiente, importado do Mediterrâneo Oriental e, portanto, dispendioso, pode ter integrado banquete funerário ou libações, aquando do enterramento das cinzas na fossa e, em seguida, terá sido propositadamente inutilizado, lançado sobre os restos da incineração, de modo a não ser mais usado.

O comportamento que reconstituímos, em homenagem à falecida, constituiu prática igualmente detectada nas necrópoles de Baza (Granada), El Cigarralejo (Múrcia), Coimbra del Barranco Ancho (Múrcia), Los Villares (Albacete), Cabezo Lucero (Alicante), Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), e em muitas outras da II Idade do Ferro, onde, no quadro do ritual funerário, idênticos gestos rituais quebraram por vezes importantes conjuntos de cerâmicas áticas (Presedo, 1982; Aranegui, Jodin, Llobregat, Rouillard e Uroz, 1993, p. 45, 46; Silva e Gomes, 1992, p. 176, 177).

Os cossoiros indicam a fição, da lã ou do linho, e a tecelagem, actividades do mundo feminino de então, embora tais artefactos pudessem ser considerados como capazes de propiciar o bem-estar da vida futura da falecida. Eles devem representar alusão a Hera, ou a divindade com ela sincretizada, recordando ritual peplofórico, em homenagem àquela deusa protectora do mundo feminino. Não são raros cossoiros ou pesos de tear, fazendo parte de espólios funerários em necrópoles da II Idade do Ferro do Sul de Portugal, tendo aqueles primeiros artefactos também surgido no depósito votivo do santuário de Garvão (Ourique) (Beirão et al., 1985). Os mesmos objectos têm sido detectados em necrópoles itálicas e sobretudo gregas, dos finais do século V aos inícios do século III a.C., tal como em santuários, particularmente em *heraia*, onde se praticaria a tecelagem ritual (Greco, 1997; Scheid e Svenbro, 2003, p. 17, 18).

O espólio que guardava a sepultura de incineração da Quinta da Queimada, de carácter suntuário e exótico, além de evidenciar carácter feminino, condizente com as observações que os poucos testemunhos antropológicos permitiram, indica estatuto social elevado da jovem adulta cujos restos acompanhavam.

É possível que a comunidade que tumulou os seus mortos na actual Quinta da Queimada, integrasse rede de explorações agrícolas ou agro-marítimas, que antigos achados, na zona, de urnas contendo restos de incinerações sugerem, conforme registou Estácio da Veiga (1891, p. 79), nos sítios da Alcaria, situado a 3 km a norte de Odiáxere, e Vale da Lama, a 3,5 km este-sudeste da mesma povoação e a 2 km a nordeste daquela necrópole. Ela estaria ligada a centro polarizador, em termos políticos e administrativos, capaz de controlar recursos, meios de produção e o comércio à distância, talvez sediado no denominado Monte Molião, a 2,5 km sudoeste da Quinta da Queimada e onde importantes vestígios arqueológicos permitem supor a existência de *oppidum*, que terá dado origem à cidade de *Lacobriga*.

Em tempo de terminarmos, importa sublinhar o facto de a necrópole cujas sepulturas foram dadas a conhecer, ser a primeira, do período a que pertence, a ser assinalada no Algarve, pelo que se espera podermos continuar, a breve trecho, com o seu estudo.

Apêndice I- Análise osteológica (sep. 1)²

A visualização, a olho nu, de uma quantidade considerável de pequenos restos ósseos permitiu identificar 25 fragmentos esqueléticos nitidamente adstritos à espécie humana. Destes, a grande maioria pertenciam ao crânio (18), designadamente pequeno fragmento do côndilo da mandíbula. Entre os sete fragmentos do esqueleto pós-craniano identificaram-se porção de superfície articular superior de vértebra torácica e epífise proximal de fémur ou de úmero, bastante fragmentada.

A sobre-representação dos restos cranianos na amostra deve-se ao facto de, usualmente, o crânio ser uma das partes mais bem preservadas em contextos arqueológicos.

A observação dos restos esqueléticos mencionados permitiu concluir que, pelo menos, um indivíduo (e muito provavelmente só um) estava presente nesta sepultura. A análise do sexo e classe etária daquele foi bastante dificultada, pela natureza fragmentária da mostra e pela vacuidade quase total de elementos ósseos que possibilitassem o diagnóstico destas duas variáveis paleodemográficas. Não obstante, foi possível perfazer algumas inferências no sentido de obter a classificação sexual e etária do indivíduo representado na amostra.

A presença de fragmento de osso malar (zigomático) permitiu classificar o indivíduo como sendo, provavelmente, adulto. As suturas, bastante abertas, observadas nos restantes fragmentos cranianos fazem supor adulto jovem. As dimensões do côndilo mandibular, aliadas à espessura ínfima das paredes cranianas deixam crer que aquele pertencia ao sexo feminino. Não foi detectado nenhum tipo de condição patológica.

Apêndice II- Análise de conta lítica (sep. 1)³

A conta foi fabricada a partir de rocha ácida vulcânica, alterada (vidro riolítico muito desvitrificado), rica em sílica e de grão muito fino.

Aquele tipo de rochas é comum na Faixa Piritosa Ibérica, apesar de não serem exclusivas dessa zona, dado que podem ocorrer em muitos outros contextos.

NOTAS

- * Técnico Superior do Instituto Português do Património Arquitectónico
Rua Francisco Horta, n.º 9, 2º - 8001-906 Faro.
- ** Membro da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes. Docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L.
Av. de Berna, n.º 26 C - 1069-061 Lisboa.
- ¹ Os índices cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, por isso, devem entender-se como aproximados.
- ² Da autoria de Francisco Curate, da Universidade de Coimbra.
- ³ Da autoria de José Miguel Nieto, do Departamento de Geologia, Facultad de Ciencias Experimentales, Campus El Carmen, Universidad de Huelva.

BIBLIOGRAFIA

- ANTONOVA, I.; TOLSTIKOV, V.; TREISTER, M. (1996) - *The Gold of Troy: searching for Homer's fabled city*. London: Thames and Hudson.
- ALMAGRO GORBEA, M. J. (1986) - *Orfebrería fenicio-púnica del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional.
- ARANEGUI, C.; JODIN, A.; LLOBREGAT, E.; ROUILLARD, P.; UROZ, J. (1993) - *La necrópolis ibérica de Cabezo Lucero, Guardamar del Segura, Alicante*. Madrid: Casa de Velázquez.
- BARROS, P. (2003) - Cerâmicas áticas no circuito do Estreito do Extremo-Occidente peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu do Rosário, Faro e Tavira. In *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Protohistoria del Mediterráneo Occidental. El Periodo Orientalizante (vol. 2)*. Mérida: Instituto de Arqueología, p. 931-945.
- BEIRÃO, C. de M.; GOMES, M. V. (1980) - *A Idade do Ferro no Sul de Portugal: epigrafia e cultura*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.
- BEIRÃO, C. de M.; SILVA, C. T. da; SOARES, J.; GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1985) - Depósito votivo da Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 3, p. 45-135.
- CALADO, D. (2000) - Poblados com menhires del Extremo SW Peninsular, notas para su cronología y economía. Una aproximación cuantitativa. *Revista Atlántica-Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social*. Cádiz. 3, p. 47-99.
- CUADRADO, E. (1987) - *La necrópolis ibérica de "El Cigarralejo" (Mula, Murcia)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DELIBES DE CASTRO, G. (1991) - Joyería celtibérica. In *Orfebrería prerromana*. Madrid: Consejería de Cultura, p. 20-23.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. (1991) - Orfebrería orientalizante. In *Orfebrería prerromana*. Madrid: Consejería de Cultura, p. 24-27.
- GOMES, M. V. (1993) - O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*. Lisboa. 4, p. 73-107.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1988) - *Levantamento arqueológico-bibliográfico do Algarve*. Faro: Secretaria de Estado da Cultura - Delegação Regional do Sul.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; BEIRÃO, C. de M. (1986) - O Cerro da Rocha Branca (Silves): resultados preliminares de três campanhas de escavações. In *4.º Congresso do Algarve*. Silves: Racal Clube. Vol. 1, p. 77-83.
- GRECO, G. (1997) - Des étoffes pour Héra. In *Héra. Images, espaces, cultes*. Naples: Centre Jean Bérard, p. 185-199.
- LAMBOGLIA, N. (1952) - Per una classificazione preliminare della ceramica campana. In *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Liguri*. Bordighera: Istituto Internazionale di Studi Liguri, p. 139-206.
- LAMBOGLIA, N. (1954) - La cerámica "precampana" della Bastida. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 5, p. 105-139.
- NICOLINI, G. (1990) - *Techniques des ors antiques. La bijouterie ibérique du VII^e au IV^e siècle*. Paris: Picard.
- PEREZ OUTEIRIÑO, B. (1982) - *De ourivesaria castrexa. I. Arracadas*. Ourense: Museo Arqueológico Provincial.
- PRESEDO, F. J. (1982) - *La necropolis de Baza*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- QUILLARD, B. (1979) - *Bijoux carthaginois. I les colliers*. Louvain-la-Neuve: Institut Supérieur d'Archéologie et d'Histoire de l'Art.
- ROUILLARD, P. (1991) - *Les Grecs et la Péninsule Ibérique. Du VIII^e au IV^e siècle avant Jésus-Christ*. Paris: De Boccard.
- SCHEID, J.; SVENBRO, J. (2003) - *Le métier de Zeus. Mythe du tissage et du tissu dans le monde gréco-romain*. Paris: Errance.
- SILVA, A. C. F. da; GOMES, M. V. (1992) - *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SPARKES, B. A.; TALCOTT, L. (1970) - *Black and plain pottery of the 6th, 5th and 4th centuries B.C. The Athenian Agora*. Princeton, MA: American School of Classical Studies at Athens.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1891) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. IV, Lisboa: Imprensa Nacional.

